



CONGADAS E MOÇAMBIQUE NO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO: CULTURA, FÉ E TRADIÇÃO.

Alexandre Elias de Miranda Teodoro

Flamarion Dutra Alves

alexander_line@hotmail.com

dutrasm@yahoo.com.br

Geografia Bacharelado – Universidade Federal de Alfenas

Introdução

A pesquisa que aqui será exposta irá se escorar em uma reflexão crítica sobre a cultura, a religião, a memória coletiva e a dinâmica social, abordando teorias que discutem o processo de homogeneização global e a repercussão das decisões políticas junto a processos identitários locais tendo como foco relações entre os organizadores da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, os Congadeiros e Moçambiqueiros e a comunidade paraisense.

Organizada a partir dos grupos ou ternos, guardas ou batalhões de congo, a Festa de Congada possui algumas características peculiares: cada terno é composto por pessoas reunidas ao redor de princípios simbólicos ditos religiosos, que partilham fé, padrões culturais, relatos históricos e “tradições” relacionadas à África (Cardoso, 1990), Nina Rodrigues (1935), Mário de Andrade (1959), Edson Carneiro (1981), entre outros, atribuem às Congadas a herança de costumes e tradições pertencentes aos negros *bantus* (ou bantos), transladados ao Brasil por meio da escravidão.

A Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, MG, é uma Festa secular de origem afro-descendente, realizada por meio da confluência de interesses múltiplos, articulados entre os produtores da Festa, denominados congadeiros e moçambiqueiros, os representantes da Prefeitura, a Igreja, os comerciantes, e mais recentemente as empresas de mídia, presentes no âmbito local.

Durante muito tempo a comunidade negra sofreu represálias quando procurou se manifestar, ou por meio de sua cultura ou de sua religião. Nos períodos de colonização do país, o negro era imposto ao trabalho escravo e não era permitida a realização de qualquer festa ou manifestação que remetesse ao seu passado ou a sua cultura africana. Aqueles que eram flagrados praticando qualquer ato exacerbado eram coagidos pelos senhores, por meio de seus capatazes.

Mas com o passar do tempo-principalmente após a abolição da escravatura- o negro começou a engatinhar com seus próprios pés na sociedade brasileira, e viu-se pela primeira vez a grandiosidade da cultura que havia sido descartada em todos esses anos de coerção. “Somos todos iguais do ponto de vista genético, mas sendo o corpo atravessado pela história, o seu movimento possui uma lógica interna ligada às condições externas.” Milton Santos (2002). A partir de então festas com identidade africana começaram a surgir por todo o país fazendo despontar a partir daí um movimento de miscigenação cultural, entre brancos e negros.

A postura dos municípios a partir desse momento passou a ser então de apoio - no início de maneira mais discreta - a qualquer representação de cultura negra. Foi nesse período então, que no Sul de Minas, na cidade de São Sebastião do Paraíso deu-se início a então tradicional festa das Congadas, uma celebração religiosa, que mescla o gingado e a dança africana, com símbolos da religião Católica, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Durante os dias 26, 27, 28, 29 e 30 de Dezembro os ternos de Congo e Moçambique desfilam em uma rua da cidade, localizada ao lado da Igreja Matriz de São Sebastião. A tradicional festa foi crescendo, e começou então a haver competição entre os ternos. A Prefeitura ficou encarregada por montar toda a estrutura da festa, desde as arquibancadas e barracas de alimentação, até o policiamento e a organização de um comitê de jurados. Os desfiles principais são realizados a noite, porém os ternos precisam comparecer a Igreja em horário já estipulados, onde a cada dia específico devem louvar um Santo.

Com o passar dos anos a festa foi ganhando reconhecimento por todo o Estado, e São Sebastião do Paraíso detém hoje o status de capital das Congadas no estado de Minas Gerais, atraindo todos os anos turistas de cidades próximas, e até mesmo de cidades mais distantes. Percebendo o crescimento da festa, e o potencial que ela possui para se tornar uma festa de expressão nacional a Prefeitura desenvolveu um projeto ousado, e ao mesmo tempo interessante para a economia da cidade, uma vez que valorizaria o comércio e também o Turismo. O projeto consiste na construção de um Congódromo, um lugar afastado da Igreja-onde a festa ocorre atualmente- com uma estrutura totalmente apropriada para a execução e expansão da

feira. Nesse novo local, existiriam lugares próprios para a imprensa, cabines especiais para convidados importantes, arquibancadas fixas, -que aumentariam a segurança do público e possibilitariam uma melhor comodidade para o acompanhamento dos desfiles- e também uma nova passarela, para o desfile dos ternos.

Em contravenção a este projeto está uma parcela da população e grande parte dos congadeiros, pois eles acreditam que a transferência da festividade iria ferir diretamente o seu cunho religioso, transformando as congadas em um evento comercial. Essas pessoas contam com o apoio da Secretaria de Cultura da cidade, que também acredita que as tradições religiosas da festa devem ser mantidas. Traí-las seria o mesmo que modificar o verdadeiro sentido da festa- que é de louvar aos santos e a Nossa Senhora do Rosário, e não atrair turistas e movimentar a economia da cidade.

Objetivos

Analisando a situação atual da Congada em São Sebastião do Paraíso, tendo em vista sua importância para a comunidade paraisense e para a afirmação da cultura negra na sociedade é preciso entender o comportamento dos indivíduos.

Essa pesquisa tem como objetivo geral realçar a importância das representações da etnia negra dentro do campo da Geografia Regional, como uma maneira de imprimir no tempo e na sociedade, o simbolismo religioso. Assim, analisar com base nos conceitos de religião e cultura a possível transferência do Congódromo de São Sebastião do Paraíso.

Os objetivos específicos dessa pesquisa são:

Divulgar as intenções da prefeitura com sua intervenção em relação à festa religiosa e cultural. Julgar de um ponto de vista antropológico as interferências do homem na sociedade e as influências que a cultura social exerce sobre ele. Defender o ideal de cultura como absoluto, sem agregação de valores econômicos. Entender com base em pressupostos teóricos o comportamento da sociedade, e as vertentes que influenciam esse comportamento.

Justificativa

Interessa-nos aqui verificar qual a dimensão das relações de negociação, em suas diversas instâncias, estabelecidas entre os congadeiros e moçambiqueiros, e os organizadores da Festa da Congada. Para tanto, baseamo-nos nas pesquisas de

Soares (2000) que indicam que tais festas constituem-se como a face mais pública de agremiações de leigos escravos – e mais recentemente descendentes de escravos entre outras pessoas – geralmente organizadas junto à Igreja Católica e/ ou ao setor de turismo, que mantém sob a forma de “folclore ou tradições populares, um espaço desconhecido de articulação de poder” (Soares, 2000, p. 193).

Partimos da hipótese central de que a Festa de Congada também se constitui enquanto um meio de expressão de conflitos sociais decorrentes das disparidades sociais entre escravos e seus descendentes e a elite constituída pelas oligarquias, Igreja, e o Estado durante todo o período colonial e regencial.

Com uma visão independente, é de grande valia para a Geografia, o estudo desse enredo, pois a partir do momento que as garras do capitalismo passam a atingir a cultura secular de uma população é possível levantar várias hipóteses embasadas em conceitos de grandes geógrafos. O que nos levaria a entender melhor como e porque essa situação ocorre, e de que maneira ela deve ser discutida para que a cultura de muitos anos não seja ferida por um regime que visa apenas à multiplicação do lucro, sem qualquer vínculo social.

Pressupostos Teóricos

Ao analisar a questão de São Sebastião do Paraíso com base nos pressupostos de grandes nomes da Geografia Cultural ficamos mais aptos a entender a realidade do problema, e sua real ligação com a Geografia.

O conceito de Religião e Territorialidade (Sack, 1986) é definido como uma estratégia de controle sempre vinculada ao contexto social na qual se insere. É uma estratégia de poder e manutenção independente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter meramente quantitativo do agente dominador. A territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação, uma estratégia de controle. Torna-se importante compreender o fenômeno religioso neste contexto, isto é, interpretar a “poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus” (Rosendahl, 1996: 56). Contudo, fica mais claro o entendimento da não abdicação da Igreja para com o atual local onde a festa é realizada.

Outro conceito que se encaixa nessa situação, é o conceito de Cultura (Trovo, p.187-190, 2008), que contribui para o entendimento do comportamento das massas, e ao mesmo tempo nos permite uma noção da importância que o cidadão contemporâneo aplica à Cultura. No entanto é conveniente desconfiar dessa repentina

atenção que a Prefeitura de São Sebastião do Paraíso vem atribuindo à Cultura. Caso contrário, podemos incorrer em erros, como o de tomar a instrumentalização da cultura para fins econômicos por uma real valorização da dimensão cultural. Ora não faltam exemplos desse tipo, a começar pelo turismo religioso analisado por Zeny Rosendahl no artigo "Turismo, Cultura e Identidade".

A indústria cultural tem seus produtos adaptados ao consumo das massas, como também consegue determinar o próprio consumo através de um "emissor ativo, senhor dos sentidos, e um receptor passivo, incapaz de um conhecimento objetivo e crítico da realidade. A indústria cultural totalitária transformaria tudo em mercadoria, esvaziando o valor de uso de qualquer bem, no sentido capitalista, onde então as coisas passariam a valer no mercado tão-somente pelo seu valor de troca" (Leal, 1986, 288).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa será realizada em três momentos, onde primeiro será construído todo o arcabouço teórico com base em referências da temática aqui abordada, que sustentará as fases seguintes. No segundo instante serão realizadas entrevistas com os congadeiros e moçambiqueiros, membros da Prefeitura e organizadores da festa e também com membros da comunidade que acompanham as festividades e têm participação direta no processo.

A terceira fase será a análise dos resultados obtidos com as entrevistas e formulação das conclusões embasadas também no suporte teórico construído na primeira fase desta.

Referencias bibliográficas

ANDRADE, M. de, *Danças dramáticas do Brasil*. São Paulo : Martins, 1959.

CARDOSO, H.D.de F. *Relações entre cultura popular e indústria cultural: a Congada de Ilha Bela*. 1982, 159f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Artes. Escola de Comunicação e Artes. USP. São Paulo.

CARNEIRO, E. *Religiões negras negros bantos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1991

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Trad. de Luiz F. Pimenta e Margareth de C. A.Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo : Comp. Ed. Nacional ; Brasília : INL, 1976.

ROSENDAHL Z. Le Pouvoir du Sacré sur l'Espace: Muquém et Santa Cruz dos Milagres au Brésil. *Géographie et Cultures*, 12, 1996.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SOARES, M. de C. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, M.de Mello. *Reis negros no Brasil escravista. História da Festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TROVO, Maria Caroline. Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares. *Estudos de sociologia*, Araraquara, v.13, n.25, p.187-190, 2008.